

Contribuição ao estudo da Casa-Forte do Cuó, Caicó-RN

Helder Alexandre Medeiros de Macedo
Historiador e Especialista em Patrimônio Histórico-Cultural e Turismo pela UFRN
Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRN
E-mail: heldermacedo@katatudo.com.br

Resumo

Com este artigo fazemos uma revisão do que já foi escrito pela historiografia e da documentação manuscrita que trata da Casa-Forte do Cuó, em Caicó-RN, tida como marco da colonização luso-brasileira na região do Seridó Potiguar no contexto das Guerras dos Bárbaros. Além disso, problematiza a própria validade da Casa-Forte enquanto construção colonial que remonta ao século XVII, tendo em vista a carência de estudos arqueológicos que dêem conta dessa perspectiva.

Palavras-chave

Casa-Forte do Cuó – Guerras dos Bárbaros - Caicó

Ao navegar pela *Web* e visitar alguns *sites* que trazem informações sobre a história da cidade de Caicó constatamos que todos são unânimes em dizer, embora tragam algumas pequenas divergências no ato de se *contar a história*, que o início dessa cidade se deu com a construção de uma capela dedicada a Sant'Ana¹ – *Nossa Senhora de Sant'Ana*, diriam os mais antigos. O exame circunstancial dessas informações presentes na rede mundial de computadores, além disso, nos dá conta de uma lenda ainda hoje dita e cantada pelos caicoenses, *a lenda do vaqueiro*. A lenda tem várias versões, mas, no fundo, reflete o movimento de colonização portuguesa na hoje região do Seridó: um vaqueiro perdido em meio a um mofumbal, procurando um touro desaparecido há vários dias, defronta-se com esse mesmo animal, porém, como que possesso pelo demônio ou por *Tupã*, o deus indígena, que o persegue; aflito, o vaqueiro se lembra de Sant'Ana e faz uma promessa: caso conseguisse escapar com vida desse perigo construiria naquele mesmo local um templo dedicado a ela, tida no imaginário popular como a padroeira dos pastores, dos vaqueiros. Como que por encantamento o *touro bravo* desapareceu. Cumprindo a promessa o vaqueiro mandou construir a capela. Em torno dela surgiria Caicó. Trata-se de um mito de origem, criado para explicar o início da cidade².

As informações contidas nos hipertextos da *Web*, no entanto, não são tão recentes quanto se possa imaginar. Os estudiosos que se dedicaram a escrever a história de Caicó no passado já tinham esbarrado nesse mito. É o caso de Manoel Dantas, com *Denominação dos Municípios*, de 1924, de Nestor Lima, com *Caicó: o município*, de 1937 e de Padre Eymard L'Eraist Monteiro, com *Caicó*

(*subsídios para a história completa do município*), de 1945. As várias versões da lenda popularizaram-se mais ainda, tornando-se algo sempre lembrado pelos caicoenses quando lhes são perguntadas informações sobre a história da cidade.

No entanto, a partir dos anos de 1980, o historiador Olavo de Medeiros Filho lança novas luzes sobre a origem de Caicó, baseadas em árdua pesquisa documental em arquivos dos Cartórios de Caicó e Acari, das atuais Paróquias de Caicó, Acari e circunvizinhas e, também, no acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (MEDEIROS FILHO, 1981; 1983; 1984; 1988; 1998; 2000; 2002). Olavo de Medeiros Filho não opina, em suas obras que se referem à história de Caicó, sobre a lenda do vaqueiro; mas, constrói, a partir de fontes documentais uma origem baseada, também, no movimento de expansão da fronteira colonial no século XVII. Segundo esse pesquisador o primeiro núcleo de ocupação pelas populações luso-brasileiras no território hoje chamado de Seridó foi a *Casa-Forte do Cuó*, uma edificação que servia de amparo para as tropas coloniais durante os combates num conflito de proporções regionais que a historiografia chamou de *Guerra dos Bárbaros*, no fim do século XVII (MEDEIROS FILHO, 1984, p. 140-5). Para entendermos o raciocínio de Olavo de Medeiros Filho devemos nos reportar a um contexto mais geral, o da *entrada para os sertões* dos colonizadores portugueses ou luso-brasileiros após o período de dominação batava.

A reconstrução da Capitania do Rio Grande após o fim do domínio holandês, empreendida pelo Capitão Mor Antonio Vaz Gondim, estava norteada pela concessão de sesmarias no sertão, com o intuito de se avaliar como estava o sertão e ao mesmo tempo de povoá-lo através da expansão do pastoreio. Nesse sentido, a primeira concessão de terras que se deu em território hoje correspondente ao Seridó se daria em 1670. Trata-se de doze léguas de largo, no Rio das Espinharas (seis léguas para cada lado do rio) e cinquenta de comprimento, concedidas ao Capitão Francisco de Abreu e Lima, Capitão Antonio de Oliveira Ledo, Custódio de Oliveira Ledo, Alferes João de Freitas da Cunha, José de Abreu, Luís de Noronha, Antonio Martins Pereira, Estevão de Abreu de Lima, Antonio Pereira de Oliveira, Sebastião da Costa, Gonçalo de Oliveira Pereira, Teodósio de Oliveira e Gaspar de Oliveira³. Apesar de situada sertão adentro pela Capitania da Paraíba do Norte, a proximidade do Rio das Espinharas com os atuais limites geográficos do Seridó nos faz pensar que a sesmaria atingisse territórios que hoje equivalem ao município de Serra Negra do Norte, hipótese que é confirmada por CASCUDO (1968, p. 257-8).

Seis anos depois (1676) ocorreria a concessão de uma sesmaria de quinze léguas quadradas a Teodósia Leite de Oliveira, Teodósia dos Prazeres e Manuel Gonçalves Diniz no Rio Acauã⁴, começando de sua foz, que MEDEIROS FILHO acredita ser o local onde, contemporaneamente, "o Rio Seridó deságua no Piranhas, cerca de quatro léguas ao norte da cidade de São Fernando, neste Estado" (1984, p. 105). Para MEDEIROS FILHO as noções concernentes ao entendimento das ribeiras sertanejas entre o fim do século XVII e começos do XVIII consideravam o Acauã como tendo sua barra no Piranhas, sendo o Seridó um simples afluente (Idem, ibidem). Segundo o autor, "À

época em que foram concedidas as primeiras datas e sesmarias na região do Seridó, a concepção adotada pelos povoadores, com relação à hidrografia regional, era a de que o rio Quinturará (hoje Picuí), logo após receber as águas do Totoró, formava o Rio Acauã. Este, depois de um certo curso, recebia o seu afluente Seridó, prosseguindo aquele Acauã até desaguar no Rio Piranhas" (1986, s/p).

Hoje, no entanto, os conceitos hidrográficos são invertidos: o rio Acauã é um afluente do Rio Seridó. Este nasce em Cubati (Paraíba), entra em território potiguar pelo município de Parelhas, onde é represado pela Barragem do Boqueirão. Seguindo seu curso, recebe as águas do Acauã em terras do município de Jardim do Seridó e prossegue no município de Caicó, indo desaguar no Piranhas (C.f. FELIPE e CARVALHO, 1999, p. 34).

Partindo desse raciocínio podemos afirmar que a porção centro-sul do Rio Grande do Norte, hoje conhecida como Seridó, era conhecida, entre o fim do Seiscentos e início do Setecentos como Acauã⁵. As próprias datas de terra concedidas nesse espaço pela jurisdição administrativa da Capitania do Rio Grande referendam o "Rio Acauham" (1676), "Sertam dos Tapuias ou dos Índios Canindez" (1679), "Ribeira do Acahuam" (1680) e "certão d'Acahã" (1684), não tocando no nome Seridó (C.f. MEDEIROS FILHO, 1984, p. 108-16). Documentos do Cartório de Pombal aludem, pela mesma época, à "Ribeira d'Acahã" (1683), "rincan Cahã" (1695), "valle do Cahã" (1698). E, de modo ambíguo, à "serra da Cahã do rio Sirido" (1699), à "capela da Sr^a Santanna do Cahã sirido" (1699) (MACEDO, 2000, p. 20-2). Provavelmente por essa época já houvesse hesitação em se denominar a região de Acauã ou Seridó⁶.

A Ribeira do Acauã seria novamente motivo de solicitação de novas sesmarias em seu território, sempre com a finalidade precípua da acomodação do gado nos pastos sertanejos. Como as terras estavam devolutas, em resposta ao pedido de Luís de Sousa Furna, Antonio, Lopo e Pedro de Albuquerque da Câmara (1679) foram concedidas vinte léguas de terra⁷, com quatro léguas de largura, sendo a metade (cinco para cada requerente) começando na Serra do Trapuá (situada duas léguas a leste da cidade de Currais Novos-RN) e tomando a direção da Ribeira do Potengi (Potim Asú, como aparece no texto), nas confrontações do território atual de Cerro Corá-RN e a outra metade descendo o curso do próprio Acauã (C.f. MEDEIROS FILHO, 1984, p. 105-6). No ano subsequente (1680) e em 1684 novas datas de terra seriam concedidas nas plagas da Ribeira do Acauã⁸.

A instalação dos currais para criação do gado e a própria presença deste junto ao homem branco desencadearia reações adversas nos nativos, de modo que a posse das terras do sertão seria o cerne da questão nas pelejas das Guerras dos Bárbaros. Conforme assegura o cronista Pedro Carrilho de Andrade "os janduíis se levantaram nas ribeiras do Açú, Mossoró e Apodi, em os anos de 1687 para 88, matando a toda coisa viva e depois queimando e abrasando tudo, não deixando pau nem pedra sobre pedra" (*apud* TAVARES DE LIRA, 1982, p. 121).

Em repressão aos indígenas que estavam sublevados, diversos Terços Militares foram enviados ao sertão com o intuito de dominar as revoltas. A documentação aponta dois grandes

conflitos armados que ocorreram em território hoje cartografado como Seridó, ambos com a participação do bandeirante Domingos Jorge Velho, Mestre-de-campo do Terço dos Paulistas. O primeiro, ocorrido na Serra da Rajada, que se localiza entre os municípios de Acari, Carnaúba dos Dantas, Jardim do Seridó e Parelhas, no período de 26 a 30 de outubro de 1689. O resultado foi a morte de mil e quinhentos indígenas e prisão de trezentos, além da morte de trinta homens das tropas de Domingos Jorge Velho. Os sobreviventes do combate dispersaram-se, indo parar no lugar chamado por eles de Queicar xuc, que significa Saco do Xique-Xique⁹ (MACEDO, 2000, p. 21; MEDEIROS FILHO, 2001, p. 130-2). O outro combate ocorreu na Serra da Acauã, situada entre os municípios de Acari e Currais Novos, em 04 de outubro de 1690, do qual foram presos mais de mil índios (MEDEIROS FILHO, 2001, p. 127).

Enviadas tropas militares para combater os índios levantados, tornou-se necessário um ponto de apoio para o seu aquartelamento. Com este propósito foi construída a Casa-Forte do Cuó, onde teriam ficado abrigadas sucessivas tropas militares enviadas pela Coroa Portuguesa para o combate aos nativos revoltados, como as do Coronel Antonio de Albuquerque da Câmara (co-proprietário da data de sesmaria em que a casa-forte ficava localizada) e do Mestre-de-Campo do Terço dos Paulistas, Domingos Jorge Velho. Sua construção deu-se no auge dos combates das *Guerras*, na década de 1680, pelo que indica a documentação do Cartório de Pombal, da qual falaremos adiante.

O topônimo, segundo Olavo de Medeiros Filho, vinha de uma ave agourenta, comedora de cobras e que havia em abundância no então curso d'água que passava perto da Casa-Forte, o rio Acauã. Acauã e Cuó seriam sinônimos, sendo a primeira forma em tupi e a segunda em tarairiu, ambas designando o pássaro que dava nome, à época, ao rio e a região. Considerando-se a partícula “quei” como sendo “rio”, *Rio Acauã* era a mesma coisa que *Queiquó*.

Baseado na documentação do antigo Senado da Câmara de Natal – abrigada no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte - e em deduções históricas a partir do teor desses mesmos documentos, Olavo de Medeiros Filho situa os alicerces da Casa-Forte do Cuó como sendo localizados próximos ao atual Bairro Penedo, no sítio de mesmo nome, em Caicó-RN, próximo ao Hospital Tiago Dias. Olavo de Medeiros Filho atribui ao Coronel Antonio de Albuquerque da Câmara a iniciativa de construção da casa-forte. Segundo ele:

Antônio de Albuquerque da Câmara tratou de construir uma casa-forte, para servir de aquartelamento às tropas sob o seu comando. Escolheu um ponto muito adequado, capaz de controlar o trânsito que ocorresse nos rios Acauã (hoje o trecho é considerado como sendo o Seridó), Quipauá (atualmente Barra Nova), e Sabugi.

Tal ponto estratégico corresponde ao Sítio do Penedo, vizinho à atual cidade caicoense, à margem esquerda do rio Seridó. Pertinho da casa-forte edificada, ficava o atual Poço de Santana, manancial inesgotável d'água, fator indispensável à sobrevivência do Corpo de Ordenanças.

Em torno à casa-forte ficaram acampadas, certamente em choupanas de palha, as tropas empregadas no combate ao gentio tapuia levantado (MEDEIROS FILHO, 1986).

Uma safra de pesquisadores da região do Seridó utilizaria as informações de Olavo de Medeiros Filho, pioneiras com relação à Casa-Forte do Cuó e sua ligação com a origem do espaço seridoense, como sustentáculo dos seus trabalhos acadêmicos no que tange à caracterização histórica do Seridó e, particularmente, de Caicó. É o caso das dissertações de mestrado em Ciências Sociais seguintes: *Retalhos da Cidade: Revisitando Caicó* (1996), de Eugênia Maria Dantas; *A penúltima versão do Seridó: espaço e história no regionalismo seridoense* (1998), de Muirakytan Kennedy de Macedo e *Desvendando a Cidade: Caicó em sua dinâmica espacial* (1999), de Ione Rodrigues Diniz Morais, além da Monografia de Especialização em Arte e Cultura Barroca intitulada *Aspectos da Arquitetura Religiosa do Seridó: subsídios para a história da Catedral de Sant'Ana* (1998), de Paula Sônia de Brito.

A “descoberta” que fizemos de documentos do antigo arquivo do Cartório de Pombal-PB, perdidos em uma biblioteca pública de Carnaúba dos Dantas em 1996¹⁰, veio corroborar as hipóteses de Olavo de Medeiros Filho no que toca à Casa-Forte do Cuó ter se localizado na hoje região do Seridó e ter sido a mola mestra da expansão luso-brasileira que daria origem, posteriormente, à cidade de Caicó. Através do teor dessa documentação ficamos sabendo que aquela casa-forte também era chamada – pelo menos, nos documentos escritos – de *Casa-Forte do Seridó* ou do *Acauã*, sendo já existente em 1683.

Talvez a informação que causou mais impacto, advinda dessa nova documentação, é a de existência de uma capela anterior à atual Catedral de Sant'Ana, hipótese já levantada por Olavo de Medeiros Filho (1984; 1986; 1998; 2000). Cessado, em grande parte, o conflito com os tapuia foi celebrado no ano de 1695 um tratado de paz entre Bernardo Vieira de Melo (capitão-mor da Capitania do Rio Grande) e Taiá Açu, chamado Rei dos Janduís; tal tratado primava pela paz ditada entre luso-brasileiros e tapuias, embora os conflitos tivessem durado, ainda, em outras regiões que não o Seridó, até pelo menos a segunda década do século XVIII. Coincidentemente, no mesmo ano (1695), foi construída nas proximidades do Poço da Casa-Forte do Cuó a *Capela da Senhora Santana do Vale do Acauã*, para assistência religiosa à aludida região, por intermédio do frei Antonio João do Amor Divino, paroquiano de Olinda-PE, tendo sido benta um ano depois pelo mesmo frei (MACEDO, 2000, p. 21). Publicando um artigo em 1998 – no qual, em grande parte, utilizou-se do teor dos documentos do Cartório de Pombal, por nós fornecidos – na *Revista do 5º Jubileu da Paróquia de Sant'Ana de Caicó* Olavo de Medeiros Filho afirmou que, ao lado dos alicerces da Casa-Forte do Cuó, ainda sobreviviam, também, os da Capela de Sant'Ana (MEDEIROS FILHO, 1998, p. 4). Em informação prestada no presente ano de 2000, o pesquisador Olavo de Medeiros Filho disse que tal informação advinha de moradores das proximidades dos citados alicerces, no sítio Penedo, que diziam que aquelas ruínas eram de uma antiga capela¹¹.

Diminuídos os conflitos, a ereção de uma capela dedicada à Senhora Sant'Ana fez com que as populações que já freqüentavam o local, durante os perigos das *Guerras*, pudessem fixar-se na terra. Para usar as palavras de Dom José Adelino Dantas, estudioso do Seridó antigo, “*Na história de*

nostros sertões, as cidades nascem quando nascem suas igrejas, suas capelas.” (1961, p. 12). Partindo desse pressuposto, ao redor da capela devem ter surgido casas – ou, mesmo, fazendas de gado nas proximidades, e o espaço antes ocupado pela convulsão entre índios e brancos passou a ser um arraial. Segundo documento da Prefeitura Municipal de Caicó, guardado pelo Sr. Clementino Camboim, a fundação do arraial – que deveria chamar-se *Arraial do Queiquó* - se deu em 1700, por Manuel de Sousa Forte, fazendeiro da região. Através do mesmo documento ficamos sabendo que em 1735, em 07 de julho o antigo arraial foi solenemente elevado aos foros de Povoação, com o título de *Povoação do Caicó*, sendo celebrada missa, na ocasião, na Praça da Capela da Senhora Santana. A instalação da Povoação do Caicó confirmou a imposição do poder colonial português em seus domínios territoriais, através da presença fixa de um Corpo de Ordenanças Militares, que exerciam o poder local. Em 1788 essa mesma povoação seria elevada à categoria administrativa de *Vila*, depois transformada em *Cidade* (1868).

Quanto à antiga Capela da Senhora Santana do Vale do Acauã, ainda segundo o pesquisador Olavo de Medeiros Filho, “*viria a ruir, pelo final do século XVIII, sob o efeito de uma grande cheia do rio Seridó.*” (MEDEIROS FILHO, 1986). Antes disso, em 26 de julho de 1748, fora instalada a Freguesia da Senhora Santana do Seridó, desmembrada da Freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó, Paraíba; nessa data, com o levantamento de um cruzeiro, símbolo da fé cristã, iniciou-se simbolicamente o trabalho de construção de um templo maior, que seria a atual Catedral de Sant’Ana. A capela do antigo Arraial do Queiquó ficaria subordinada, eclesiasticamente, à condição de Capela de Nossa Senhora do Rosário; o vulto de Sant’Ana, por conseguinte, deve ter sido trasladado para o templo maior. Em um documento extraído do livro de tombo da antiga Freguesia da Senhora Santana do Seridó, datado de 26 de julho de 1748, há um forte indicativo da construção da atual Catedral de Sant’Ana (à época, Matriz) em lugar diverso do da Capela do Arraial do Queiquó:

(...) Aos 26 dias do mez de Julho do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, de mil setecentos e quarenta e oito, em dia da Senhora Sant’Ana, padroeira desta freguesia, eu, o padre Francisco Alves Maia, Cura desta mesma Freguesia, vim a este lugar do Caicó, onde todos os Freguezes desta dita Freguezia ou a maior parte deles de melhor nota, assentaram por voto unânime **que fosse fundada e erecta sua Matriz com a invocação de Senhora Sant’Ana, por ser este lugar o mais cômodo e para onde podia concorrer o povo com conveniência comum para todos** (...) [grifos nossos] (transcrito por MONTEIRO, 1945, p. 33).

A alusão a um “*lugar mais cômodo e para onde podia concorrer o povo com conveniência comum a todos*” deve estar ligada ao fato de, no terreno onde ficava localizado o Arraial do Queiquó as pessoas terem certa dificuldade de locomoção, por motivo de tratar-se de uma região pedregosa e acidentada; enquanto que o terreno onde hoje fica a Catedral de Sant’Ana configura-se como plano em relação àquele. Pressupõe-se, então, que o deslocamento da esfera religiosa (do hoje sítio Penedo para o hoje local da Catedral) tenha acarretado, também, o deslocamento da esfera social,

dado que as primeiras configurações urbanas da hoje cidade de Caicó surgiram em torno da Matriz de Sant'Ana (MORAIS, 1999).

As certezas quanto aos alicerces do sítio Penedo, apontados por Olavo de Medeiros Filho serem, de fato, da Casa-Forte do Cuó e da Capela da Senhora Santana do Acauã só virão com uma devida prospecção arqueológica no citado terreno, com o objetivo de se identificarem artefatos, restos de utensílios e outros materiais que possam caracterizar a ocorrência de conflitos bélicos e/ou interativos entre índios e brancos. Algumas informações, no entanto, podemos prestar sobre os citados alicerces. São de uma construção com embasamento de alvenaria em pedra e cal. Feita em cima de um lajedo granítico apresenta um partido de planta retangular com aproximadamente 22,60m de comprimento por 15,46m de largura e espessura de aproximadamente 87 cm. Apesar de encontrar-se em ruínas ainda apresenta trechos de paredes, que mantêm uma altura constante, chegando, em alguns pontos, a cerca de 1,19m. Dado as paredes estarem reduzidas não nos é possível apontar o número e disposição de portas e janelas e a cobertura. A cerca de 05 metros a Sul das ruínas do que, imagina-se, fosse a Casa-Forte do Cuó encontram-se alicerces, construídos com embasamento em alvenaria de pedra e cal com partido de planta retangular que, provavelmente, pertenceram à Capela da Senhora Santana. Algumas paredes desses alicerces se apresentam não com pedra e cal como elementos constitutivos, mas, com apenas pedra e barro, atingindo aproximadamente 1,80m a parede mais alta. Um dos lados da planta retangular apresenta um pequeno resquício da base da construção. Nos arredores do sítio arqueológico que comporta os possíveis alicerces da casa-forte e capela podem ser encontrados, na superfície, restos de tijolos e fragmentos de cerâmica e de louça, que são possíveis indicativos culturais da presença humana na área, seja entre o fim do século XVII e início do século XVIII, seja numa ocupação posterior, o que é mais provável, segundo o historiador e arqueólogo Valdeci dos Santos Júnior, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte¹².

Considerando esses alicerces como pertencentes à Casa-Forte do Cuó e à Capela da Senhora Santana do Acauã ambos constituem exemplares das primeiras construções arquitetônicas da região do Seridó. É uma memória que o seridoense – em especial, o caicoense – não conhece. Urge, então, que os mínimos conhecimentos de que dispomos sobre tal temática sejam, assim, divulgados, na tentativa de não incorreremos nos mesmos erros do passado, que nos privou de maiores informações sobre a época do surgimento da cidade de Caicó. Valendo-se de um exercício de imaginação histórica imaginemos que o vaqueiro que aparece na lenda cantada e passada de geração a geração pode ter sido um dos remanescentes da tropa de combate que se abrigou na Casa-Forte do Cuó, bem como, pode ter sido um empregado de um fazendeiro que morava nas proximidades do arraial que nascia. É salutar, assim, que a história de Caicó – e, do Seridó - renasça e seja continuamente construída e desconstruída numa mistura de religiosidade e fé, de devoção e crença, de vida e morte, de índios e brancos, de mito e realidade.

Referências

- BRITO, Paula Sônia de. *Aspectos da Arquitetura Religiosa do Seridó*: subsídios para a história da Catedral de Sant'Ana. Ouro Preto: 1998. 45p. Monografia (Especialização em Arte e Cultura Barroca) – Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal de Ouro Preto-MG.
- DANTAS, Eugênia Maria. *Retalhos da cidade*: revisitando Caicó. Natal: 1996. 110p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- DANTAS, José Adelino (dom). O fundador de Caicó. In:_____. *Homens e fatos do Seridó Antigo*. Garanhuns: O Monitor, 1961. p. 9-15.
- LIMA, Nestor. Caicó: o município. In:_____. *Municípios do Rio Grande do Norte*: Baixa Verde, Caicó, Canguaretama e Caraúbas (Edição fac-similar da Revista do IHGRN – v. 27/28, 1937). Mossoró: 1990 (Col. Mossoroense, série C, v. DXCVI).
- MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. Quando o Sertão se descobre: os documentos pombalenses e a redescoberta da História do Seridó Colonial. *O Galo – Jornal Cultural*. Natal: Fundação José Augusto, ano XI, nº 4, abril/maio de 2000. p. 19-22.
- MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Caicó, cem anos atrás*. Brasília: Senado Federal Centro Gráfico, 1988.
- MEDEIROS FILHO, Olavo de. Caicó: tudo começou no Sítio Penedo. *Revista do 5º Jubileu da Paróquia de Sant'Ana de Caicó*. Natal: julho/1998. p. 4.
- MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Índios do Açú e Seridó*. Brasília: Senado Federal Centro Gráfico, 1984.
- MEDEIROS FILHO, Olavo de. Primórdios da presença religiosa no Caicó (1695-1824). *Caicó em revista*: revista da Festa de Sant'Ana. Caicó: julho/2000. p. 2.
- MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Velhas Famílias do Seridó*. Brasília: Senado Federal Centro Gráfico, 1981.
- MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Velhos Inventários do Seridó*. Brasília: Senado Federal Centro Gráfico, 1983.
- MEDEIROS FILHO, Olavo de. Verdadeira origem da cidade de Caicó. *O Poti*. Natal: O Diário, 1986.
- MEDEIROS, Bianor. *Paróquia de Acari: 150 anos*. Natal: Fundação José Augusto/Prefeitura Municipal de Acari, 1985.
- MONTEIRO, Eymard. L'E (padre). *Caicó* (subsídios para a historia completa do Município). Recife: Escola Sales de Artes Gráficas, 1945.
- MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Desvendando a cidade*: Caicó em sua dinâmica espacial. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1999.

Fontes orais

MEDEIROS FILHO, Olavo de (Natal-RN). *Comunicação pessoal*, 04.06.2000

Fontes virtuais

CAICÓ – História e lendas. Available from World Wide Web < URL: <http://www.seol.com.br/caico/historia.htm> > (site visitado em 21/06/2000)

MACÊDO, M.K. de. (2000). *História e Espaço seridoense entre os séculos XVII e XIX*. Mneme – Revista de Humanidades. Ano I, nº 1, jul/ago.; s/p. Available from World Wide Web < URL: <http://www.seol.com.br/mneme> > (site visitado em 30/08/2000)

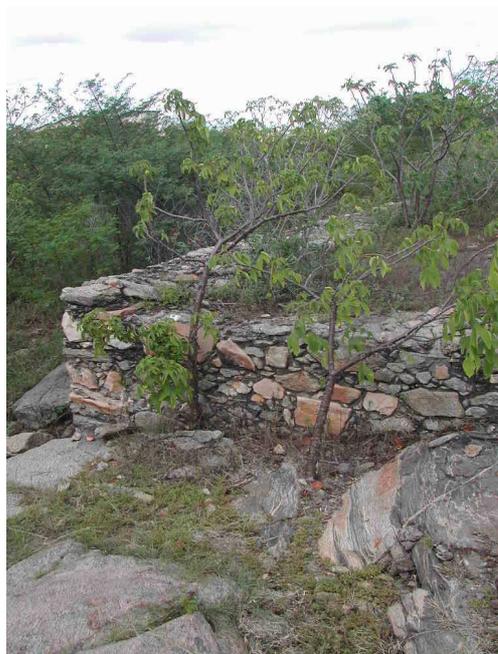
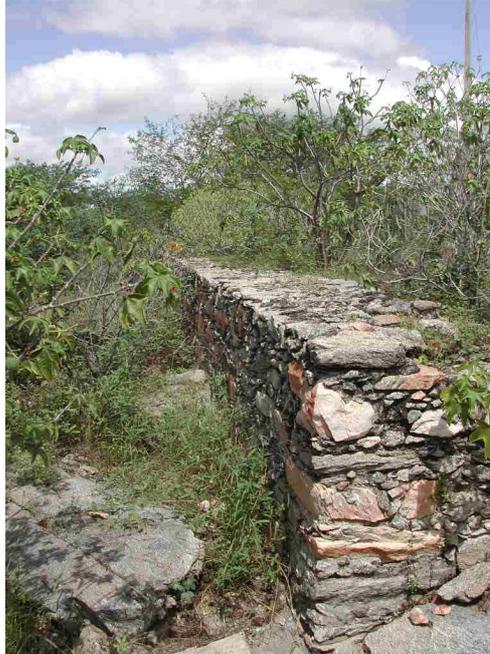
MEDEIROS, L. G. de. *O Município de Caicó*. Available from World Wide Web < URL: <http://www.elogica.com.br/users/maenoque/caico.html> > (site visitado em 14/06/2000)

O MUNICÍPIO de Caicó! (site do Bloco Os Manicacas) Available from World Wide Web < URL: <http://sites.uol.com.br/fhmmm/caicom.html> > (site visitado em 28/08/2000)

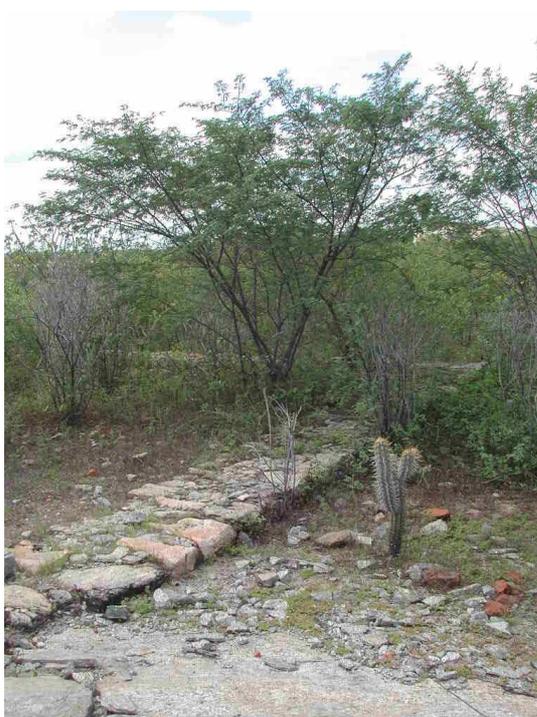
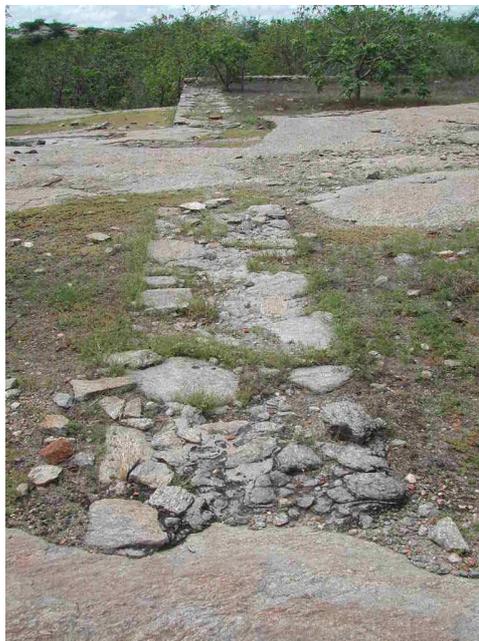
UM pouco da História do Município de Caicó-RN. Available from World Wide Web < URL: http://www.vitrinedigital.com/caico/caico_hist.htm > (site visitado em 14/06/2000)

Imagens (créditos: Helder Alexandre Medeiros de Macedo, 2004)

Prováveis alicerces da Casa-Forte do Cuó







Prováveis alicerces da Capela da Senhora Santa Ana





Publicação do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó.

V. 06. N. 13, dez.2004/jan.2005. – Semestral

ISSN -1518-3394

Disponível em www.cerescaico.ufrn.br/mneme



Vestígios encontrados nos arredores do sítio arqueológico



Publicação do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó.

V. 06. N. 13, dez.2004/jan.2005. – Semestral

ISSN -1518-3394

Disponível em www.cerescaico.ufrn.br/mneme





Notas

¹ Ver relação dos *sites* sobre a História de Caicó na Bibliografia.

² Para uma discussão sobre o mito de origem da cidade de Caicó consultar o capítulo primeiro de DANTAS, Eugênia Maria. *Retalhos da Cidade: revisitando Caicó*.

³ 21 de Fevereiro de 1670 - Traslado da Data da ribeira das Espinharas aos Oliveiras em 1670 a qual não é confirmada nem demarcada. Coleção Particular do Prof. Renato de Medeiros Rocha, Caicó-RN (publicado integralmente em MEDEIROS FILHO, 1981, p. 262-3).

⁴ Data e Sesmaria nº 30, Livro nº 2, fls. 21-v do Registro de Datas e Sesmarias da Capitania do Rio Grande. Pasta 64 do Acervo Documental do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (transcrita por MEDEIROS FILHO, 1984, p. 108-9).

⁵ Na Data nº 48 (Capitania da Paraíba), de 26 de dezembro de 1704, em que foram concedidas três léguas de comprido e uma de largo a Dona Isabel da Câmara, Capitão Antonio de Mendonça Machado, Alferes Pedro de Mendonça e Vasconcelos e Antonio de Carvalho no Riacho Pucuhy, se diz que este último "(...) faz barra no Cahã, que dá no Piranhas e nasce na serra Borburema (...)" (TAVARES, 1982, p. 55). A Data nº 68 (Capitania da Paraíba), concedida em 11 de julho de 1707 ao Padre Manuel Timóteo da Cunha, Tenente General Gonçalo Rodrigues Couto e Francisco Fernandes de Souza alude ao "(...) rio a que o gentio chama Seridó, o qual rio passa pela serra da Borburema e faz barra no rio Acahuan (...)" (Idem, p. 64). Essas concessões confirmam as hipóteses de MEDEIROS FILHO quanto à denominação da Ribeira do Acauã.

⁶ Em 1745 Cristóvão de Holanda Cavalcanti, morador na Capitania de Pernambuco, dizia que em "(...) algum citios que pessue nesta Ribeira ou Cap.ta ocupadas e como em hum dos seus citios na Ribra do Seridó ou Cahuam chamado Juazeiro (...)" Data nº 348 (Capitania do Rio Grande), de 13 de abril de 1745 (FVR, 2000, p. 56-8).

⁷ Data e Sesmaria nº 39, Livro nº 2, fl. 35 do Registro de Datas e Sesmarias da Capitania do Rio Grande. Pasta 64 do Acervo Documental do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (transcrita por MEDEIROS FILHO, 1984, p. 110-1).

⁸ Data e Sesmaria nº 44, Livro nº 2, fls. 39-v do Registro de Datas e Sesmarias da Capitania do Rio Grande. Pasta 64 do Acervo Documental do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (transcrita por MEDEIROS FILHO, 1984, p. 112-3); Cópia dos autos da demarcação do Sítio Ingá, no Sertão do Seridó, no ano de 1772. Pasta 46 do Acervo Documental do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (Idem, p. 114-6).

⁹ O Saco do Xique-Xique fica localizado nos limites da antiga fazenda de mesmo nome, no município de Carnaúba dos Dantas-RN.

¹⁰ Sobre os documentos do Cartório de Pombal-PB ver MACEDO, H.A.M. de. *Quando o sertão se descobre: os documentos pombalenses e a redescoberta da História do Seridó Colonial*.

¹¹ MEDEIROS FILHO, Olavo de (Natal-RN). *Comunicação pessoal*, 04.06.2000.

¹² Durante o ano de 2004 o historiador e arqueólogo Valdeci dos Santos Júnior, Professor da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, realizou pesquisa de campo no Sítio Arqueológico da Casa-Forte do Cuó, especificamente coleta de superfície. O resultado da prospecção e coleta foi o seguinte: "Os vestígios arqueológicos superficiais localizados nos arredores da casa forte do Cuó são compostos por quatro categorias de fragmentos: Faiança, vidros, objetos metálicos e grês. A faiança detectada na superfície, levando-se em conta suas tonalidades e sua pasta, são, predominantemente, de três ordens: a) faiança fina (pratos, tigelas e xícaras), tipo inglesa, Tipo Shell edged azul e Shell edged verde, inciso, fabricada principalmente no século XIX em diante e o tipo "azul borrão", inglesa, fabricado durante todo o século XIX e início do século XX; b) Faiança fina, tipo portuguesa, policrômica (branco, amarelo e preto), fabricada principalmente no século XIX; c) Faiança fina branca, sem decoração, (tipo *pearlware*) de fabricação inglesa (fabricada industrialmente a partir do final do século XVIII e por todo o século XIX). Os vidros localizados são relativamente recentes, com tonalidades escuras (verde, preta e marrom) e claras, com fabricação no século XIX e durante todo o século XX. Foram localizados dois objetos metálicos: 01 fechadura e 01 presilha metálica fragmentada. Os fragmentos detectados não permitem qualquer alusão cronológica. Os fragmentos de grês localizados são de tonalidade bege e branca e a análise morfológica de parte de suas estruturas evidencia terem sido utilizados como recipientes de água, muito comuns nos séculos XVIII e XIX. Os vestígios arqueológicos foram localizados na superfície e nas proximidades dos alicerces da casa forte do Cuó, da Capela de Santana e ao redor de vários alicerces (arraial?) próximos (entre 15 a 30 metros) ao lajedo granítico onde está situada a casa forte do Cuó. O contexto dos vestígios arqueológicos superficiais não permite qualquer conclusão cronológica com relação as origens da fundação da casa forte do Cuó ou da capela de Santana, somente permite inferir que ocorreu a presença humana no local no século XIX e em parte do século XX. Para ir em busca de dados cronológicos mais antigos, necessário se faz uma escavação arqueológica na área" (informação pessoal fornecida por Valdeci dos Santos Júnior, em 18/04/2005, por e-mail).